

BEAUVOIR E LÉVI-STRAUSS: ANTROPOLOGIA E FILOSOFIA DA EXISTÊNCIA NA GÊNESE DE *O SEGUNDO SEXO*

SAMANTA DO CARMO¹

Resumo: O ponto de partida para as formulações feitas a seguir, por meio das quais abrimos um espaço de leitura e investigação de *O Segundo Sexo*, foi a presença dos dados etnográficos articulados pela filósofa francesa Simone de Beauvoir na obra acima mencionada. Ao investigarmos de que maneira a gênese de *O Segundo Sexo* se relaciona com o debate em torno do legado da tradição filosófica da modernidade europeia e com a fundamentação das ciências sociais na primeira metade do século XX, deparamo-nos com a necessidade de detalhar o encontro entre o pensamento de Beauvoir e as teses de Claude Lévi-Strauss em *As Estruturas Elementares do Parentesco*. O presente artigo se dedica a esmiuçar essa relação, na intenção de entender como os métodos da antropologia, formulados e discutidos no período, representaram novos caminhos filosóficos para as insuficiências conceituais sentidas por Beauvoir.

Palavras-chave: O Segundo Sexo; Simone de Beauvoir; Existencialismo; Estruturalismo.

1. INTRODUÇÃO

Na segunda parte de *O Segundo Sexo*, dedicada à “História”, Simone de Beauvoir (2019) indica explicitamente a etnografia como fonte de suas pesquisas, apontando seu papel para construção das ideias ali apresentadas. Na abertura, a autora escreve: “É revendo à luz da filosofia existencial *os dados da pré-história e da etnografia que podemos compreender como a hierarquia dos sexos se estabeleceu*” (BEAUVOIR, 2019, p. 95, grifos nossos). A autora não discute, porém, as transformações por que passava a antropologia desde o início do século XX, mas acompanha tanto o debate suscitado pelas obras de Marcel Mauss e Michel Leiris como as inovações trazidas pelas *Estruturas elementares do parentesco*. Além disso, desde a publicação em 1922 d’*Os Argonautas do Pacífico Oriental*, de Bronislaw Malinowski, que lançou as bases da prática da observação participante de longa duração, a disciplina podia ser vista como parte do debate sobre o subjetivismo e a objetividade, no qual Beauvoir e seus contemporâneos estavam engajados desde os anos 1930. O momento em que ela escreve o livro era, portanto, um momento decisivo.

¹ Jornalista, bacharela em Filosofia pelo Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília (UnB), bolsista DAAD em 2018 no programa Winterkurs.

Mas se os interesses de Simone de Beauvoir nesse momento podem ser entendidos em parte pelo Existencialismo, a especificidade de sua contribuição também pode ser flagrada por outras vias. A via que nos interessa investigar neste artigo é a aproximação entre filosofia existencial, antropologia e estruturalismo. Para isso, vamos nos dedicar a demonstrar a maneira como essa aproximação acontece à medida que Simone de Beauvoir lê e resenha *As Estruturas Elementares do Parentesco*, Claude Lévi-Strauss, quando está prestes a terminar *O Segundo Sexo*. Tal aproximação evidencia sua busca de alternativas à racionalidade moderna, o que também caracteriza parte dos métodos e autores que a filósofa mobiliza fora da filosofia para construir a obra publicada em 1949.

* * *

As Estruturas Elementares do Parentesco e *O Segundo Sexo* foram publicados em 1949, com poucos meses de diferença. Claude Lévi-Strauss e Simone de Beauvoir haviam se conhecido ainda em 1929, tendo sido, durante três semanas, colegas de estágio pedagógico no Liceu Janson de Sully, em Paris. Ao comentar a repercussão de seu “estudo sobre ‘A mulher e os Mitos’” na revista *Les Temps Modernes*, Beauvoir (2009) diz ter ouvido que o antropólogo censurava certas inexatidões do texto, relativas às sociedades primitivas. A autora sabia que Lévi-Strauss trabalhava na finalização de sua tese sobre as estruturas de parentesco e pediu para saber sobre a pesquisa:

Fui à casa dele várias manhãs seguidas; instalava-me diante de uma mesa, lia uma cópia datilografada do seu livro; ele confirmava minha ideia da mulher como outro; mostrava que o macho permanece o ser essencial, até no seio daquelas sociedades matrilineares, que são chamadas de matriarcais (BEAUVOIR, 2009, p. 133).

Como narra Lévi-Strauss (ERIBON; LÉVI-STRAUSS, 2005), foi Michel Leiris, com quem trabalhava no Museu do Homem, que intermediou o reencontro. Mas mais significativas que a mediação são a lembrança de uma convergência entre os problemas investigados por ambos e as maneiras com que tentavam respondê-los. Conforme relata Lévi-Strauss a Eribon:

Ela estava terminando *O Segundo Sexo*. Michel Leiris tinha me falado do livro um dia, no Museu do Homem. Disse a Leiris *que eu também acabara de escrever uma obra, quase sobre os mesmos problemas*. Leiris contou a Simone de Beauvoir, que veio ler as provas de *As estruturas* na minha casa, porque queria conhecer o estágio mais atual da pesquisa antropológica antes de encerrar seu livro (ERIBON; LÉVI-STRAUSS, 2005, p. 71, *grifos nossos*).

Deixando, por ora, o que seriam esses *quase mesmos problemas*, cabe notar que, para além das correções e precisões, o reencontro resultou não apenas em diversas menções ao antropólogo em *O Segundo Sexo* enfim publicado, mas também em uma resenha escrita pela própria Beauvoir na revista *Les Temps Modernes* sobre *As Estruturas Elementares do Parentesco*.

Nesse texto, lê-se nos termos da autora como ela encontra no estudo do colega confirmações para seu próprio trabalho, que iriam além da ideia da mulher como outro mencionada em sua autobiografia (2009, p. 134). Os novos métodos propostos por Lévi-Strauss – que não só em breve redefiniriam a antropologia, mas também ajudariam a estabelecer o que, poucos anos depois, seria designado como estruturalismo – integravam o debate, que vinha das décadas precedentes, sobre a ruptura com o pensamento filosófico moderno. Este contexto também explica a “virada” de Beauvoir em direção ao estudo dos mitos² e seu interesse pelos dados de diversas culturas, disponibilizados pela etnografia.

Na resenha, Beauvoir (2007, p. 183) saúda o livro de Lévi-Strauss como um “brilhante despertar” da sociologia francesa, que andava “adormecida”, afirmando que os esforços da escola durkheimiana tinham se revelado decepcionantes, “pois se baseavam em hipóteses metafísicas contestáveis e em postulados históricos não menos duvidosos” para organizar os fatos sociais de forma inteligível. Igualmente decepcionante – mas de outra forma –, a escola americana, que pretendia “abster-se de toda especulação”, havia se limitado “a acumular fatos, sem elucidá-los”. Para a filósofa,

Lévi-Strauss desejou retomar a tentativa de seus mestres, evitando seus defeitos; ele também supôs que as instituições humanas são dotadas de significação; mas procurará a chave desta na humanidade própria daquelas; ele conjura os espectros da metafísica, mas não aceita, por outro lado, que este mundo seja apenas contingência, desordem, absurdo; seu segredo será tentar pensar o dado sem a intervenção de um pensamento que seja estrangeiro a este: no coração da realidade ele descobrirá o espírito que a habita. Assim ele nos reconstitui a imagem de um universo que não tem a necessidade de refletir o céu para ser um universo humano (BEAUVOIR, 2007, p. 183).

O próprio Lévi-Strauss frisa a importância da resenha para a recepção de seu livro, a qual o autor define como “calorosa” (ERIBON; LÉVI-STRAUSS, 2005, p. 82). Para esclarecer e mensurar o valor do adjetivo, deve-se lembrar que o antropólogo vinha de uma temporada de mais de uma década fora da França e que o livro, que reunia e sintetizava suas pesquisas, foi escrito

2 No terceiro volume de sua autobiografia, *A Força das Coisas* (2009), a autora se refere à publicação inicial do que viria a ser *O Segundo Sexo* como seu “estudo sobre ‘A mulher e os Mitos’” (2009, p. 133). Em outro trecho, Beauvoir (2009, p. 133) explica que, depois de ter lido *A Idade Viril*, de Michel Leiris (1939), abandonou “o projeto de uma confissão pessoal para me ocupar da condição feminina em sua generalidade. Fui fazer leituras na Nacional e estudei os mitos da feminilidade”.

enquanto ele trabalhava como conselheiro cultural junto à embaixada da França em Nova Iorque. Lévi-Strauss havia voltado a Paris para defender sua tese de doutorado – justamente o manuscrito lido por Beauvoir. Deve-se lembrar também, como o faz o próprio antropólogo, que a filósofa já era então a “grande dama francesa” e seu engajamento em relação ao estudo conferiu ao livro uma repercussão inusitada, que ultrapassava sua difusão no círculo restrito dos antropólogos (DOSSE, 1993, p. 45-46). Uma proposta de refundação da disciplina, com abertura para novos horizontes filosóficos, é um dos pontos que justificam o entusiasmo de Beauvoir pelo trabalho.

Até aqui, falamos do contexto do encontro entre Simone de Beauvoir e Claude Lévi-Strauss; agora, vamos tratar da discussão teórica feita por Beauvoir a partir de *As Estruturas*.

Ao resenhar *As Estruturas elementares do parentesco*, a filósofa comenta que a exogamia é uma manifestação tão original quanto a da própria humanidade (BEAUVOIR, 2007). A articulação entre natureza e cultura que Beauvoir encontra em Lévi-Strauss converge com seu esforço de demarcar a feminilidade como desdobramento cultural, e não como decorrência direta de uma “natureza” de fêmea:

O extremo interesse desse costume [proibição do casamento entre paralelos e recomendação dele entre primos cruzados] provém do fato de que graus de parentesco biologicamente equivalentes são considerados de um ponto de vista social como radicalmente dessemelhantes: torna-se patente que não é natureza quem dita suas leis à sociedade (BEAUVOIR, 2007, p. 185-186).

Assim, a autora não nega a existência de dados biológicos, mas argumenta que as consequências disso não são determinadas naturalmente. Seguindo o estudo de Lévi-Strauss, Beauvoir (2007, p. 184) sugere que a distribuição coletiva de valores entre os membros de uma sociedade sempre foi um fenômeno cultural – “e a mulher é um produto escasso essencial à vida do grupo”, de modo que evitar sua monopolização é um cuidado primeiro das coletividades. Isso porque, segundo Beauvoir (2007), o *mitsein*³ humano, a relação com outrem, é um existencial, e é nesse sentido profundo que a proibição do incesto deve ser lida.

Há, portanto, um sentido positivo em tal interdição: espera-se que a renúncia de uma parente por parte de um indivíduo assegure uma renúncia simétrica por parte de outro, a qual trará aos primeiros novos aliados. “A reciprocidade é a maneira imediata de integrar a oposição entre mim e outrem: sem uma tal integração, a sociedade não existiria”, escreve Beauvoir (2007,

3 Literalmente, “ser-com”, termo utilizado inicialmente por Heidegger em *Ser e tempo* (§26) para tematizar a coexistência dos outros e o que ele chama de “ser-com cotidiano” e retomado por Sartre em *O ser e o nada* (Terceira parte, cap. 1, III, e sobretudo cap. 3, III. “O ser-com [Mitsein] e o Nós”).

p. 185), que prossegue afirmando que não existiria sociedade se essa reciprocidade não fosse uma transferência de valores concreta, a troca, cuja importância já havia sido destacada por Marcel Mauss. Vale mencionar que desde seus primeiros romances (*A Convidada*, 1941; *O Sangue dos Outros*, 1943), Beauvoir se ocupava com os temas da alteridade e reciprocidade e se empenhava em garantir uma base social e corpórea para suas ideias⁴.

Uma observação extremamente importante impõe-se aqui: não é entre os homens e as mulheres que aparecem as relações de reciprocidade e de troca; elas se estabelecem *por meio das mulheres*, entre os homens; *existe e sempre existiu entre os sexos uma profunda assimetria* e o “Reino das mulheres” é um *mito* superado; qualquer que seja o modo de descendência, quer os filhos sejam incluídos no grupo do pai ou naquele da mãe, as mulheres pertencem aos machos e fazem parte do conjunto de prestações que eles se consentem. Todos os sistemas matrimoniais implicam que as mulheres sejam dadas por certos machos a outros machos (BEAUVOIR, 2007, p. 185, grifos nossos).

Comentadoras como Suely Kofes (2008) e Françoise Lionnet (2013) identificam nesse trecho a interpretação criativa de Beauvoir⁵. A ideia de que a troca e a reciprocidade ocorrem “entre os homens” e “*por meio das mulheres*” já estava presente em *As Estruturas Elementares do Parentesco*; o que não estava presente era a hipótese de uma profunda assimetria entre os sexos.

Sabe-se que, quando escreveu *As Estruturas Elementares do Parentesco*, Claude Lévi-Strauss tinha em mente redigir um segundo estudo sobre as estruturas *complexas* de parentesco. O autor se irritava com as soluções de seus antecessores na antropologia que, diante de sistemas complexos, imaginavam soluções mais complexas ainda, e dizia que, em sua opinião, “por trás do complexo deve existir o simples” (ERIBON; LÉVI-STRAUSS, 2005, p. 145). O “elementar” tem este sentido: aquilo que há de mais fundante em um modo de vida, uma cultura, que se elabora respondendo à natureza.

Ao longo da trajetória de construção de *O Segundo Sexo*, Simone de Beauvoir parte de um desconforto com o subjetivismo idealista do existencialismo, ao que se somaram suas reflexões sobre consciência individual e cultura, as quais começaram a ser traduzidas em termos de

4 Isso pode ser entendido pela maneira como Simone Beauvoir relembra a obra *Por uma Moral da Ambiguidade* (1947) em *A Força das Coisas* (2009 [1963], p. 60): ao reavaliar seu ensaio anos depois de tê-lo escrito, a autora critica algumas de suas formulações por serem “mais ocas que as máximas kantianas” e comenta que não compreende o idealismo presente nele, já que, na época, relembra ela, acreditava que “os homens se definiam por seu corpo, suas necessidades, seu trabalho” e não colocava “nenhuma forma, nem qualquer valor acima dos indivíduos de carne e osso”.

5 Há uma segunda indicação da autora neste trecho, observada por Mauro Barbosa de Almeida (2007), que aponta como ela vai usar os estudos de Lévi-Strauss para contestar a tese que afirma a existência de um mercado, elaborada por Baschofen e retomada por Engels para dar contornos de disputa de classe à diferenciação social entre homens e mulheres.

mistificação depois de sua viagem aos Estados Unidos⁶. Apoiando-se nos modelos da antropologia, a autora reuniu componentes suficientes para formular a ideia de que a alteridade da qual se ocupava não se configurava apenas como uma noção idealista ou como elemento de uma consciência individual, mas sobretudo como um elemento concreto de organização social que implicava uma certa condição da mulher enquanto existente, uma condição das consciências enquanto existentes e se colocando no mundo.

Se a proibição do incesto é universal e normativa ao mesmo tempo é porque ela traduz uma atitude original do existente: ser homem é se escolher como homem, definindo suas possibilidades sobre a base de uma relação recíproca com o outro; a presença do outro nada tem de acidental: a exogamia, bem longe de se limitar a registrá-la, ao contrário, a constitui; através dela se expressa e se realiza a transcendência do homem; ela é a recusa da imanência, a exigência de ultrapassá-la; aquilo que os regimes matrimoniais asseguram ao homem, pela comunicação e pela troca, é um horizonte em direção ao qual ele possa se projetar; sob sua aparência barroca, eles lhe asseguram um além-humano (BEAUVOIR, 2007, p. 188).

Nessa formulação, feita no final da resenha sobre *As Estruturas Elementares do Parentesco*, o conteúdo do livro de Lévi-Strauss já aparece interagindo com as teses de uma ontologia do sujeito existencialista, que vai reaparecer nos capítulos “História” e “Os Mitos” de *O Segundo Sexo*. Neles, Beauvoir detalha como esse conjunto de elementos, na dinâmica de suas relações com as condições econômicas, técnicas e materiais, qualifica homem e mulher em termos de Sujeito e Outro na configuração que ela chama de “sociedades primitivas”.

Ainda na resenha, a autora sinaliza que o horizonte filosófico desse debate não aparece explicitamente no trabalho de Lévi-Strauss. No entanto, ao destacar esse fato, ela aponta outra semelhança entre seu pensamento e o do antropólogo: o humanismo.

De onde provêm estrutura e princípio? Lévi-Strauss não se permite aventurar sobre o terreno filosófico, não se separa jamais de uma rigorosa objetividade científica; mas seu pensamento se inscreve evidentemente na grande corrente humanista que considera a existência humana como contendo em si sua própria razão (BEAUVOIR, 2007, p. 188).

Vendo o trecho mais de perto, deve-se notar que um elemento em especial do trabalho de Lévi-Strauss permite, e mesmo fomenta, a pergunta inicial de Beauvoir: como a autora afirma na resenha, o antropólogo rejeita o “velho dilema” de que “ou os fatos humanos são intencionais ou não possuem significação”, recusando-o como explicação para o estabelecimento da regra da

6 Segundo Penelope Deutscher em *The Philosophy of Simone de Beauvoir* (2008), foi só a partir das suas viagens aos Estados Unidos, entre 1947 e 1948, que Beauvoir venceu sua aversão a diversas formas de análise social. Foi em meio a sua primeira análise do racismo que Beauvoir forneceu sua primeira explicação da distinção entre “ser” e “tornar-se” tal como se aplica à subjetividade corporificada – uma formulação que, posteriormente, ficaria famosa ao ser reempregada na afirmação “não se nasce mulher, mas torna-se”, em *O Segundo Sexo* (DEUTSCHER, 2008, p. 77)

exogamia (BEAUVOIR, 2007, p. 188). Na leitura da filósofa, a proibição do incesto é a própria lei do dom: é a transferência de valores de um indivíduo a outro que firma entre eles uma relação de aliança. Firmar alianças não é algo contingente, e nem é por acaso que a sexualidade está nessa posição central – como argumenta Beauvoir (2007, p. 184), “[e]ssa singularidade decorre do caráter particular da sexualidade mesma: é normal que a dobradiça entre natureza e cultura se encontre no terreno da vida sexual, pois esta, extraída da biologia, coloca imediatamente outrem em jogo”.

Enquanto dado, a sexualidade determina a necessidade da aliança; entretanto, ela não define como e com quem a relação deve ser estabelecida. Daí o aspecto duplo dessa estrutura fundamental. “O autor [Claude Lévi-Strauss] os define [os fatos humanos] como estruturas nas quais o todo precede as partes e cujo princípio regulador possui um valor racional mesmo quando não seja racionalmente concebido”, escreve Beauvoir (2007, p. 184), apontando o caminho aberto pelo colega ao rejeitar o velho dilema. A resposta para a pergunta sobre a origem de “estrutura” e “princípio” só poderia, portanto, ser formulada filosoficamente. Mostrando-se surpresa com a concordância entre a tese de Lévi-Strauss e aquelas defendidas pelo existencialismo, a autora, na sequência do trecho citado acima, afirma: “a existência, ao se colocar, coloca suas leis, em um único movimento; ela não obedece a nenhuma necessidade interior; entretanto escapa à contingência por assumir as condições de seu brotar” (BEAUVOIR, 2007, p. 184).

Ao longo de *O Segundo Sexo*, Beauvoir repete em diversas passagens a afirmação de que um elemento – seja o corpo, a força física, a maternidade ou uma ferramenta – não se explica em si, mas apenas tem significado, “realidade vivida”, “enquanto assumido pela consciência através das ações e no seio de uma sociedade” (BEAUVOIR, 2019, p. 65). É nesses termos que a autora recusa a metafísica transcendental, e é na perspectiva estruturalista que ela também reafirma sua recusa de que tudo seja contingência e desordem. Nesse livro, entretanto, essas questões são aprofundadas como que por outra via: não por tematização direta, mas como pano de fundo; não como elaboração teórica, mas como modo de pensar. Ao dirigir seus estudos sobre a condição da mulher para os mitos, é como se Beauvoir percorresse em parte esse caminho, dando vazão a seus esforços (e de vários de seus contemporâneos) em buscar nas práticas intersubjetivas um novo espaço para situar o humano no mundo e, na própria dinâmica dessas relações, aquilo que as regula.

Se lembrarmos que Beauvoir se afirma inicialmente como escritora e que seu ingresso na filosofia não se dá sem um certo contragosto, veremos que tal via – a via da tematização indireta – não é estranha à sua trajetória. Seu primeiro ensaio filosófico, *Pyrrhus et Cinéas* (1944), foi motivado por um convite: em 1943, Jean Grenier trabalhava em uma coletânea sobre

“as tendências ideológicas da época” e convidou Beauvoir para colaborar – pedido inicialmente recusado. Ao que se sabe, a autora só teria aceitado a proposta por insistência de Grenier e Sartre, e porque enfrentava dificuldades em transpor para uma peça de teatro as questões que deixara em aberto no romance *O Sangue dos Outros* (BEAUVOIR, 1961). O ensaio *Por uma Moral da Ambiguidade*, publicado em 1947, foi encorajado por um de seus estudantes, por um pedido de Albert Camus e pelos debates intelectuais gerados pela publicação de *O Ser e o Nada*, de Sartre (BEAUVOIR, 2009). Por outro lado, é possível dizer igualmente que os interesses filosóficos de Beauvoir sempre sustentaram seus romances, como um tipo de esqueleto: em *A Convidada* (1943) e em *O Sangue dos Outros* (1945), estão em jogo as dificuldades da coexistência; trata-se de pensar como na relação com outrem intervimos, querendo ou não, em seu destino, sendo necessário assumirmos tal responsabilidade. *O Segundo Sexo*, por sua vez, tem algumas especificidades: como mencionamos, Beauvoir passou de um projeto autobiográfico para a *descrição* da condição da mulher. Tudo isso nos leva a refletir sobre a maneira como Beauvoir compõe suas teses.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Etnografia, etnologia e antropologia são hoje compreendidas como três etapas da pesquisa e da formulação teórica antropológica. Em *Outras Naturezas, Outras Culturas*, Philippe Descola explica que a etnografia consiste em entender e documentar os dados de uma cultura a partir da convivência com seus membros: aprender a língua, saber do que eles se alimentam, como são seus sistemas de parentesco, etc. A etnografia contribuiria para o conhecimento detalhado de um único um povo, sendo a etnologia o passo adiante: a partir das informações etnográficas de diferentes grupos, o etnólogo estabeleceria comparações em escala local, tentando estabelecer traços comuns entre sociedades distintas que coexistiriam num mesmo espaço, por exemplo, as sociedades ameríndias da Amazônia. O antropólogo, por fim – que vem a ser a mesma pessoa que faz etnografia e etnologia – tentaria entender fenômenos mais amplos, em escala mundial, destacar princípios e ordenar as diferenças culturais encontradas em uma infinidade de dados (DESCOLA, 2016, p. 33-35). Para situar a explicação, é preciso dizer que, além de ser um importante antropólogo contemporâneo, Descola fez seu doutorado sob orientação de Lévi-Strauss, a quem tal diferenciação e sistematização é atribuída.

Para entender os estudos de Beauvoir, porém, ainda que seja importante ter em mente as diferenças sistematizadas por Descola, devemos pensar que a clara distinção e subordinação entre esses três campos não correspondia àquilo que caracterizava as pesquisas antropológicas

no momento em que Simone de Beauvoir escreve, nem se aplica diretamente às fontes “etnográficas” referidas por ela.

Assim, não causa espanto a heterogeneidade dos dados articulados por Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo*. Suas fontes são as mais diversas: a filósofa recorre às narrativas de Heródoto, às recentes (para seu tempo) descrições sobre as “Amazonas de Daomé”⁷, feitas por militares e pela imprensa, e a “muitos outros testemunhos antigos e modernos” (BEAUVOIR, 2019, p.96). Ou seja: trata-se de uma vasta gama de relatos, obtidos por diferentes metodologias além da etnografia e marcados pelas mais diversas inspirações políticas e epistêmicas.

Ao longo da segunda parte do livro, intitulada “História”, Beauvoir refuta a tese do antropólogo suíço Baschofen sobre o matriarcado – retomada, sabidamente, por Engels –, citando para tanto o livro *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Em “Os Mitos”, as fontes se multiplicam. Os estudos de caso texto de Lévi-Strauss são mencionados novamente algumas vezes, somando-se a eles as descrições e relatos de Malinowski, assim como citações dos trabalhos de James Frazer, Henri Luquet e Georges Dumézil. Entre as referências utilizadas, estão ainda os livros do Velho Testamento e *As viagens de Marco Polo*. Outra fonte mobilizada é a tradição dos geógrafos islâmicos viajantes do período medieval, por meio dos estudos de Abu Ubaide Abdalá Albacri, do século XI, que Beauvoir menciona como “o geógrafo El Berki”. Assim, como indicado anteriormente, o caráter heterogêneo e volumoso das fontes com as quais a filósofa trabalha é uma marca característica de seu pensamento.

Com seu estudo sobre a condição da mulher quase finalizado e o aporte da leitura das teses de Lévi-Strauss, Beauvoir incorporou ao seu trabalho a tarefa não realizada pelo colega e que, de certa forma, já estava em seus projetos: se, como resenhou Beauvoir, o antropólogo não se permitira aventurar-se pelo terreno filosófico, o que ela buscou em *O Segundo Sexo* – à luz da filosofia existencial e partindo da revisão dos dados da pré-história e da etnografia – foi justamente compreender como a hierarquia entre os sexos foi instituída (BEAUVOIR, 2019).

Na obra, Simone de Beauvoir busca se contrapor ao discurso de reificação da mulher e da desigualdade de status entre homens e mulheres como um dado natural. Nesse sentido, as práticas às quais a autora se volta são hábitos, costumes e narrativas de grupos sociais não-europeus, registrados por pesquisas etnográficas⁸. “Um dos méritos da antropologia está em

7 Soldados mulheres que compunham cerca de um terço do exército do então reino de Daomé, atual Benin, situado na região do Golfo da Guiné na África, lutando contra a tentativa de dominação francesa iniciada por volta de 1890 (RIBEIRO, 2019).

8 Como observa Jacques Gutwirth (2001), a antropologia naquele período se preocupava com a inteligibilidade das realidades socioculturais dos grupos étnicos “sem escrita”, “primitivos”, outros em relação ao sujeito europeu, pela experiência da diferença; foram necessárias décadas para reconhecer que há em todas as sociedades,

escapar à ideia que o presente é eterno”, observa Descola contemporaneamente (DESCOLA, 2016, p. 48). Articulando filosofia existencial, história e etnografia, Beauvoir realoca a condição da mulher e a dominação do homem e traça o devir dessas relações em meio às práticas dos existentes, retirando-as do âmbito exclusivo da natureza ou do acaso para inseri-las no da cultura, aqui entendida como ação do homem estabelecida sobre o solo da estrutura.

A partir dessa pequena incursão pela argumentação de Simone de Beauvoir, é possível compreender, por fim, não apenas de que maneira a antropologia é central para o desenvolvimento de suas formulações sobre a condição da mulher ao longo do tempo, mas também como a gênese de *O Segundo Sexo* se relaciona com o debate em torno do legado da tradição filosófica da modernidade europeia e com a fundamentação das ciências sociais na primeira metade do século XX. Como Maurice Merleau-Ponty, Claude Lévi-Strauss e outros, Beauvoir carrega um sentimento de insatisfação e desconforto com o pensamento filosófico de sua época. Se o contexto de frustração e desorientação em relação à filosofia moderna e de fundamentação das novas ciências sociais, assim como a crítica ao ainda idealista pensamento sartreano não aparecem explicitamente tematizadas em *O Segundo Sexo*, como já mencionamos, foi possível neste artigo demonstrar de que forma eles são pano de fundo para o interesse e uso da etnografia por Beauvoir. Do mesmo modo que esse pano de fundo, a recusa pela filósofa do determinismo biológico, do materialismo e da psicanálise em suas contribuições para o debate sobre a condição da mulher colocam Beauvoir na trilha de uma ciência – a antropologia – e, com ela, os horizontes abertos pelo estruturalismo.

inclusive aquela mesma de onde o sujeito se origina, estruturas não transparentes que podem ser penetradas e observadas pelo trabalho etnográfico. Philippe Descola (2016, p. 55), por sua vez, retoma a tese de Tzvetan Todorov e defende que “a eficácia com a qual a Europa instaurou sua dominação colonial” decorre de sua “curiosidade pelo outro, por compreender e sistematizar as diferenças”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução Alfredo Bosi. 5ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BARBOSA, M. Nota sobre a Resenha das Estruturas Elementares do Parentesco por Simone de Beauvoir. *Campos - Revista de Antropologia*, Curitiba, v.8, n.1, out. 2007, p. 191-194. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/9546/6620>. Acesso em: 28 nov. 2019.

BEAUVOIR, Simone de. *A Força das Coisas*. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BEAUVOIR, Simone de. As Estruturas Elementares do Parentesco, de Claude Lévi-Strauss. *Campos - Revista de Antropologia*, Curitiba, v.8, n.1, out. 2007, p. 183-189. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/9547/6621>. Acesso em: 16 out. 2019.

BEAUVOIR, Simone de. *Memórias de uma moça bem comportada*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1968.

BEAUVOIR, Simone de. *Na Força da Idade*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. 5ª ed. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

DESCOLA, Philippe. *Outras Naturezas, Outras Culturas*. Tradução de Cecília Ciscato. São Paulo: Editora 34, 2016.

DEUTSCHER, Penelope. *The Philosophy of Simone de Beauvoir: Ambiguity, conversion, resistance*. New York: Cambridge University Press, 2008.

DEUTSCHER, Penelope. Manière Du Départ: Beauvoir, Merleau-Ponty and Lévi-Strauss Take Their Leave. *Paragraph*, v. 34, n. 2, p. 233-243, 2011. Disponível em: www.jstor.org/stable/43263785. Acesso em: 29 set. 2019.

DOSSE, François. *A História do Estruturalismo*. Tradução de Álvaro Cabral. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

ERIBON, Didier; LÉVI-STRAUSS, Claude. *De perto e de longe*. Tradução de Lea Mello e Julieta Leite. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.

FALLAIZE, Elizabeth. Simone de Beauvoir and the demythification of woman. In: Plain, Gill; Salles Susan (org.). *A history of feminist literacy criticism*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 85-104, 2007.

GUTWIRTH, Jacques. A etnologia, ciência ou literatura?. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 7, n. 16, p. 223-239, Dec. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832001000200012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 23 out. 2019.

INSTITUTO MYRDAL. *Gunnar Myrdal*. Disponível em: <https://institutomyrdal.wordpress.com/gunnar-myrdal/>. Acesso em: 24 nov. 2019.

KOFES, Suely. No labirinto, espadas e novelo de linha: Beauvoir e Haraway, alteridades, e alteridade, na teoria social. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 865-877, set./dez. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2008000300008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 out. 2019.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Lévi-Strauss nos 90: voltas ao passado. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 105-117, out. 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131998000200005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 nov. 2019.

LIONNET, Françoise. Consciousness and Relationality: Sartre, Lévi-Strauss, Beauvoir, and Glissant. *Yale French Studies*, n. 123, 2013, p. 100-117. Disponível em: www.jstor.org/stable/23645877. Acesso: em 17 out. 2019.

LÓPEZ SÁENZ, Carmen. Merleau-Ponty (1908-1961) y Simone de Beauvoir (1908-1986): El cuerpo fenoménico desde el feminismo. *Sapere Aude*, v. 3, n. 6, p. 182-199, 20 dez. 2012. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/4472>. Acesso em: 25 nov. 2019.

MERLEAU-PONTY, Maurice. O metafísico no homem. *In: MERLEAU-PONTY, Maurice. Textos escolhidos*. Tradução de Marilena Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1975, p. 369-382. (Coleção Os Pensadores).

MERLEAU-PONTY, Maurice. De Mauss a Claude Lévi-Strauss. *In: MERLEAU-PONTY, Maurice. Textos escolhidos*. Tradução de Marilena Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1975. p. 383-396. (Coleção Os Pensadores).

PEIXOTO, Fernanda. A viagem como vocação – antropologia e literatura na obra de Michel Leiris. *In: LEIRIS, Michel. África Fantasma*. Tradução de André Pinto Pacheco. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

ROCHA, Everardo; FRID, Marina (org.). *Os Antropólogos: de Edward Tylor a Pierre Clastres*. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC, 2015.

ROWLEY, Hazel. *Tête-à-tête: Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre*. Tradução de Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

SANDAY, Peggy; GOODENOUGH, Ruth. *Beyond the Second Sex: new directions in the anthropology of gender*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1990.

SILVA, Franklin. *O Outro*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

SOBRAL, Luís Felipe. "Michel Leiris". *In: ENCICLOPÉDIA de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2016. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/autor/michel-leiris>. Acesso em 22 out. 2020.